

AD ASTRA
William Faulkner

Tradução de **Sueli Cavendish***

Não sei o que éramos. Com exceção de Comyn, havíamos começado como americanos, mas depois de três anos, em nossas túnicas britânicas e com nossas insígnias de piloto britânicas e aqui e ali uma condecoração, creio que sequer nos incomodássemos em três anos com imaginar o que éramos, nem pensar nem lembrar.

E naquele dia, naquela noite¹, éramos menos ainda que isso, ou mais que isso: aquém ou além do conhecimento de que não tínhamos sequer nos preocupado em três anos. O subadar² – depois de um tempo lá estava ele, com seu turbante e sua falsa insígnia de major³ – disse que éramos como homens tentando andar dentro d’água. “Mas logo se dissipará”, disse. “O eflúvio do ódio e das palavras. Somos como homens tentando andar na água, com a respiração presa, observando uns dos outros os membros esplêndidos e infinitesimais, observando uns dos outros a esplêndida estase sem o toque, sem contato, privados de tudo salvo da impotência e da necessidade.”

Estávamos no carro, então, indo para Amiens, Sartoris dirigindo e Comyn sentado meia cabeça acima da dele no assento da frente como um manequim, o subadar, Bland e eu atrás, cada um com uma ou duas garrafas nos bolsos. Exceto o subadar, quer dizer. Este era atarracado, pequeno e denso, mas de uma sobriedade colossal. Naquele remoinho de álcool para onde o restante de nós havia conduzido nossas inescapáveis consciências ele era como uma rocha, falando calmamente num

baixo grave quatro vezes o seu tamanho: “No meu país eu era príncipe. Mas todos os homens são irmãos.”

Porém depois de doze anos⁴ penso em nós como besouros na superfície da água, isolantes e desorientados e incansáveis. Não sobre a superfície; nela, dentro daquela linha de demarcação nem ar nem água, por vezes submersos, por vezes não. Você já viu um vagalhão inquebrantável numa enseada, a água rasa, a enseada calma, um tanto sinistra de saciada familiaridade, enquanto para além do horizonte plúmbeo a tempestade evanescente se enfurece. Aquilo era a água, nós os destroços flutuantes. Mesmo depois de doze anos ela não fica de modo algum mais clara⁵. Não tinha nem começo nem fim. Vindos do nada urrávamos inadvertidos da tempestade da qual havíamos escapado⁶ e da costa estrangeira da qual não podíamos escapar⁷; que no intervalo entre duas ondas da arrebentação morremos que tínhamos sido jovens demais para jamais ter vivido.

Paramos no meio da estrada para beber novamente. A terra estava escura e vazia. E quieta: isso foi o que você observou, registrou. Podia-se ouvir a terra respirar, como se surgindo do éter, como se ainda não soubesse, acreditasse que estava acordada. “Mas agora é paz,” o subadar disse. “Todos os homens são irmãos.”

“Você falou no centro estudantil⁸ uma vez,” Bland disse. Ele era louro e alto. Quando passava por uma sala onde estavam mulheres deixava uma esteira de suspiros como uma chata entrando na rampa. Era sulista, também, como Sartoris; mas ao contrário de Sartoris, nos cinco meses desde que saíra ninguém jamais encontrou um buraco de bala em sua máquina⁹. Mas ele se transferiu de um velho batalhão de Oxford¹⁰ – fora-lhe concedida uma bolsa de estudos Rhodes¹¹ – com uma roseta de prata e uma condecoração por ferimento. Quando estava bêbado falava de sua esposa, embora todos soubessem que não era casado.

Ele tomou a garrafa de Sartoris e bebeu. “Eu tenho a mais doce esposinha,” disse. “Deixem-me contar-lhes sobre ela.”

“Não nos conte,” Sartoris disse. “Dê-a para Comyn. Ele quer uma mulher.”

“Está bem,” Bland disse. “Você pode ficar com ela, Comyn.”

“Ela é louca?” disse Comyn.

“Não sei,” disse Bland. Ele voltou-se para o subadar. “Você falou no centro estudantil uma vez. Lembro de você.”

“Ah,” o subadar disse. “Em Oxford. Sim.”

“Ele pode freqüentar suas escolas entre os fidalgos, os de pele descorada,” Bland disse. “Mas não pode ter a mesma patente deles, porque fidalguia é uma questão de cor e não de linhagem ou de comportamento.”

“Lutar é mais importante que a verdade,” o subadar disse. “Então devemos restringir os privilégios e o prestígio da luta a poucos, para que ela não perca popularidade entre os muitos que tem de morrer.”

“Por que mais importante?” eu disse “Pensei que esta estava sendo lutada para acabar com a guerra para todo o sempre. ¹²”

O subadar fez um breve gesto, obscuro, deprecatório, tranqüilo. “Eu era um homem branco também naquele momento. É¹³ mais importante para o caucasiano porque ele é somente aquilo que pode fazer; é a soma dele.”

“Então você vê mais do que nós?”

“Um homem vê mais olhando do escuro para o claro do que um homem na luz olhando para a luz. Esse é o princípio do telescópio de refração. A lente serve apenas para provocá-lo com aquilo que o sentido que sofre e deseja¹⁴ jamais pode afirmar.”

“O que você vê então?” Bland disse.

“Eu vejo mulheres,” Comyn disse. “Vejo acres e acres dos seus cabelos amarelos que nem trigo e eu no meio do trigo”. Já viram um cachorro escondido quarteando um campo de trigo, alguma vez?¹⁵

“Não caçando cadelas¹⁶,” Bland disse.

Comyn mexeu-se no assento, pesado e enorme. Era tão grande quanto o espaço. Observar dois mecânicos espremerem ele na cabina de um Dolphin como duas criadas de quarto metendo um colchão de emergência num caixote demasiado pequeno, era digno de se ver. “Eu arranco sua cabeça por um xelim,” ele disse.

“Então você acredita no caráter do homem?” eu disse.

“Eu arranco as cabeças de vocês todos por um xelim,” Comyn disse.



“Eu creio que o homem é digno de ser lamentado,” o subadar disse. “Assim é melhor”.

“Eu vou lhes dar o xelim, então,” Comyn disse.

“Está bem,” Sartoris disse. “Vocês já experimentaram um pouco de uísque no sereno da noite, alguma vez?”

Comyn tomou a garrafa e bebeu. “Acres e acres delas,” ele disse, “com suas partes femininas, brancas e redondas brilhando no redemoinho do trigo.”

Então bebemos de novo, na estrada solitária entre dois campos de beterrabas, na quietude escura, e a onda da embriaguez começou a se formar. Retornou de onde quer que tenha ido, rolando sobre nós e sobre a rocha grave e sóbria que era o subadar até que sua voz soou remota e tranqüila e sonhadora, dizendo que éramos irmãos. Monaghan estava lá então, de pé ao lado do nosso carro no pleno brilho ofuscante dos holofotes do seu carro, numa capa da R.F.C.¹⁷ e uma túnica americana com as duas tiras das ombreiras voando soltas, bebendo da garrafa de Comyn. Ao lado dele havia um segundo homem, também numa túnica, mais curta e em melhor estado que as nossas, com uma atadura na cabeça.

“Vou lutar com você,” Comyn disse a Monaghan. “Vou lhe dar o xelim.”

“Está bem,” Monaghan disse. Ele bebeu novamente.

“Somos todos irmãos,” o subadar disse. “Algumas vezes paramos na estalagem errada. Pensamos que é noite e paramos, quando não é noite. Isso é tudo.”

“Eu lhe dou uma libra,” Comyn disse a Monaghan.

“Está bem,” Monaghan disse. Estendeu a garrafa para o outro homem, aquele com a cabeça enfaixada.

Obrigado,” o homem disse. “Ainda terr bastante.”

“Vou lutar com ele”, Comyn disse.

“É porque podemos agir somente com o coração,” o subadar disse. “Ao passo que vemos para além do coração.”

“Uma droga que você vai,” Monaghan disse. “Ele é meu.” Ele voltou-se para o homem com a cabeça enfaixada. “Você não é meu? Aqui; beba.”

“Tenho o bastante, obrigado cavalheiros,” disse o outro. Mas não creio que nenhum de nós tenha prestado muita atenção a ele até que entrássemos no *Cloche-Clos*. Estava apinhado, inundado por barulho e fumaça. Quando entramos todo o barulho cessou, como um fio cortado em dois, a extremidade recolhendo-se numa espécie de consternação conturbada de rostos volteantes e o garçom — um velho de avental sujo — recuando diante de nós, mandíbulas caídas, com uma expressão de incredulidade ultrajada, como um ateu confrontado com o Cristo ou o demônio. Atravessamos a sala, o garçom recuando diante de nós, ao ritmo dos rostos volteantes e ultrajados, até uma mesa adjacente a outra onde três oficiais franceses sentavam-se espiando-nos com aquela mesma expressão de pasmo e então de ultraje e então de ódio. De uma só vez levantaram-se; a sala inteira, o silêncio, tornou-se staccato com vozes, como metralhadoras. Foi então que eu me virei e olhei para o companheiro de Monaghan pela primeira vez, em sua túnica verde e suas calças pretas e justas e suas botas pretas e sua bandagem. Ele havia se cortado recentemente barbeando-se, e com sua cabeça enfaixada e face polida e atordoada e exangue e enfermiça, dava a impressão de que Monaghan o havia maltratado bastante. Cara redonda, jovem, com sua imaculada bandagem que servia apenas para enfatizar a diferença de gerações entre ele e o subadar de turbante, ladeado por Monaghan com seu rosto selvagem e selvagem túnica e cercado pelas faces ofendidas e ultrajadas dos franceses, ele parecia contemplar com uma atenção polida e alerta sua própria luta contra a embriaguês que lhe era forçada por Monaghan. Havia alguma coisa de Antonio¹⁸ nele: rígido, marcial, com cada botão em seu devido lugar, com sua bandagem imaculada e seus cortes de navalha recentes, ele parecia refletir furiosamente acerca de uma clara chama de uma determinada convicção de comportamento individual por sobre um caos violento e inexplicável. Então me apercebi do segundo acompanhante de Monaghan: um policial militar americano. Este não estava bebendo. Sentava-se ao lado do alemão, enrolando cigarros cujo fumo tirava de um saco de pano.

Do outro lado do alemão Monaghan enchia o seu copo. “Eu o trouxe esta manhã,” disse. “Vou levá-lo para casa comigo”.



“Por quê?”, disse Bland. “O que quer com ele?”

“Porque ele me pertence,” disse Monaghan. Colocou o copo cheio diante do alemão. “Aqui; beba.”

“Uma vez eu pensei em trazer um deles pra casa para minha mulher,” Bland disse. “Assim poderia provar-lhe que tinha estado apenas numa guerra. Mas nunca pude encontrar um que estivesse bom. Um inteiro, quero dizer.”

“Vamos lá,” disse Monaghan. “Beba.”

“Beber demais,” disse o alemão. “O dia inteiro beber demais.”

“Você quer ir para a América com ele?”

“Sim. Gostaria. Obrigada.”

“Claro que você vai gostar,” disse Monaghan. “Vou fazer de você um homem. Beba.”

O alemão ergueu o copo, mas apenas segurou-o na mão. Seu rosto estava tenso, deprecatório, embora com uma espécie de serenidade, como a de um homem que se conquistou. Imagino que alguns dos velhos mártires devem ter olhado os leões com essa expressão. Estava doente, também. Não da bebida: da cabeça.

“Eu terr em Beyreuth¹⁹ uma esposa e um pequeno. Meu filho. Ainda não o conheço.”

“Ah,” disse o subadar. “Beyreuth. Estive lá uma primavera.”

“Ah,” disse o alemão. Olhou depressa para o subadar. “Então? A música?”²⁰

“Sim,” disse o subadar. “Em sua música alguns de vocês sentiram, experimentaram, viveram, a verdadeira irmandade. O resto de nós pode apenas ver para além do coração. Mas podemos segui-los por um tempo quando estamos na música.”

“E então precisamos retornar,” disse o alemão. “Não serr bom. Por que devemos retornar, sempre e ainda?”

“Ainda não chegou o tempo para isso,” o subadar disse. “Mas logo . . . Não está tão longe quanto já estive. Não agora.”

“Sim,” disse o alemão. A derrota nos fará bem. A derrota serr boa para a arte; vitória, não serr bom.”

“Então você admite que vocês foram vencidos,” Comyn disse. Ele estava suando de novo e as narinas de Sartoris estavam muito brancas. Eu lembrei do que o subadar havia dito acerca de homens na água. Só que nossa água era a bebedeira: aquele isolamento do alcoolismo que leva os homens a gritar e a gargalhar e a lutar, não uns com os outros mas com as suas insuportáveis consciências que, bêbadas, tornam-se até mais compelidas, e entretanto menos capazes ainda de escapar. Rumorosos e altissonantes, inadvertidos da negra nuvem vinda da vilipendiada França (uma a uma as outras mesas se esvaziavam; os demais fregueses agora se aglomeravam em torno do alto balcão onde a taberneira, uma velha com óculos de aço, sentava-se, com um chumaço de tricô na prateleira à sua frente) gritávamos uns com os outros, falando em línguas estrangeiras que saíam de nossos inescapáveis isolamentos, reiterativas, sem que nos escutássemos uns aos outros; enquanto submersos por nós e mais estranhos ainda, o alemão e o subadar conversavam calmamente sobre música, arte, a vitória que nasce da derrota. E lá fora na escura friagem de novembro estava a suspensão, o pesadelo não de todo crível, não de todo desperto, a mágica rumorejante dos velhos verborrágicos desejos e das engalanadas e adornadas ganâncias.

“Por Deus, eu sou um irlandês miserável,” Monaghan disse. “Isso é o que sou.”

“O que é que tem?” disse Sartoris, suas narinas que nem giz contra sua face rubicunda. Seu irmão gêmeo tinha sido morto em julho. Ele estava num esquadrão Camel abaixo de nós e Sartoris estava lá embaixo quando aconteceu. Durante toda uma semana depois disso, tão logo chegava da patrulha ele enchia tanques e tambores e saía novamente, sozinho. Um dia alguém o viu, empoleirado a cerca de cinco mil pés de altura acima de um velho Ak.W. ²¹Suponho que o outro homem que estava com o seu irmão naquela manhã tinha visto as marcas no aeroplano do líder da patrulha alemã; de qualquer modo, isso é o que Sartoris estava fazendo, usando o Ak.W como isca. Onde ele o achou e quem ele conseguiu para voá-lo, não sabíamos. Mas ele acertou três alemães²² naquela semana, metralhando-os enquanto eles mergulhavam no Ak.W., e no oitavo dia ele não saiu mais. “Ele deve tê-lo



apanhado,” Hume disse. Mas não sabíamos. Ele nunca nos disse. Mas depois daquilo, ele tornou a ficar bem. Ele de fato nunca falou muito; só fazia suas patrulhas e mais ou menos uma vez por semana sentava-se e bebia com suas narinas brancas de uma maneira especialmente calma.

Bland estava enchendo o seu copo, quase uma gota de cada vez, com uma indolência felina. Eu podia perceber porque os homens não gostavam dele e porque as mulheres sim. Comyn, com os braços cruzados sobre a mesa, os punhos metidos numa poça de bebida derramada, estava encarando o alemão. Seus olhos estavam injetados, protuberantes. Sob o gorro amarrotado o policial militar americano fumava seus cigarros pobres, o rosto bastante lívido. A corrente de prata do seu apito se enrolava na pochete, a pistola pousada no seu colo. Mais além, os franceses, os soldados, o garçom, a taberneira, amontoavam-se no balcão. Eu podia ouvir suas vozes como se viessem de longe, como grilos na relva de setembro, as sombras de suas mãos ganhando as paredes e sumindo trêmulas.

“Não sou um soldado,” Monaghan disse. “Não sou um cavalheiro. Não sou nada.” Na base de cada galão havia um pequeno corte; havia dois mais compridos em posição paralela ao seu bolso esquerdo onde a insígnia e a fita haviam estado. “Eu não sei quem sou. Estou nessa maldita guerra há três anos e tudo que sei é que não estou morto. Eu. . .”

“Como você sabe que não está morto”? Disse Bland. Monaghan olhou para Bland, a boca aberta sobre a palavra a meio.

“Eu lhe mato por um xelim”, Comyn disse. Não gosto de sua maldita cara, tenente. Maldito tenente.”

“Sou um irlandês indigente,” disse Monaghan. “É isso que eu sou. Meu pai era um irlandês indigente, por Deus. E não sei o que o meu bisavô era. Não sei se tive um. Meu pai não se lembra de nenhum. Provavelmente podia ser um entre muitos. Então ele nem tinha que ser um cavalheiro. Nunca teve de ser. É por isso que ele pôde ganhar um milhão de dólares cavando esgotos na terra. E assim podia olhar para as janelas altas e brilhantes e dizer – eu o ouvi, e ele fumando o cachimbo era capaz de lhe arrancar as tripas fedidas garganta acima, bastardo, mesquinho, reles –”

“Você está se gabando do dinheiro do seu pai ou do esgoto?” disse Bland.

“__ olhava para eles no alto e dizia para mim, dizia, ‘Quando você estiver com os seus amigos finos, com os pais e as mães e as irmãs deles que você conheceu em Yale, você bem que podia lembrar-lhes que cada homem é escravo de seus próprios restos e então seu velho pai que eles mandavam dar a volta por trás para alcançar as suas cozinhas nos seus arranha céus de quarenta andares é o rei deles todos —’ “O que você disse?” Ele olhou para Bland.

“Olha aqui, companheiro,” o policial militar disse. “É bom parar com isso. Tenho que entregar esse prisioneiro.”

“Espere,” disse Monaghan. Ele não parou de olhar para Bland. “O que você disse?”

“Você está se gabando do dinheiro do seu pai ou do esgoto dele?” Bland disse.

“Não,” Monaghan disse. “Por que deveria? Não mais do que me gabaria dos treze alemães que apanhei, ou das duas fitas, uma das quais o seu maldito rei—²³,” ele sacudiu a cabeça em direção a Comyn —“me entregou”.

“Não o chame de meu maldito rei,” disse Comyn, o punho absorvendo devagar a bebida derramada.

“Olhe,” disse Monaghan. Bruscamente levou a mão aos cortes nos galões de suas ombreiras, aos dois rasgões paralelos no peito. “É o que penso disso. De toda essa maldita asneira sobre a glória e o cavalheirismo. Eu era jovem; acho que era preciso ser. Aí eu estava nela e não havia tempo para parar mesmo quando descobri que não importava. Mas agora terminou; acabou agora. Agora posso ser o que sou. Um irlandês paupérrimo; filho de um imigrante que nada sabia senão cavar e catar até que a juventude e o tempo para o prazer gastaram-se dentro dele antes do seu tempo. De uma turfa²⁴ ele veio, e seu filho freqüentou a escola de cavalheiros²⁵ deles e retornou por entre as águas para exhibir-se com qualquer um que fosse dono da turfa e o suor amargo deles que a enlamearam, e o rei lhe disse muito bem.”

“Vou lhe dar dez xelins e vou quebrar essa sua cabeça,” Comyn disse.

“Mas por que você quer levá-lo com você?” Bland disse. Monaghan apenas olhou para Bland. Havia algo do crucificado em Monaghan, também: furioso,



inarticulado não com a estupidez, mas à estupidez, como se nele mais que em qualquer um de nós houvessem destilado os tambores silenciosos da velha lascívia e ganância acordando finalmente horrorizada ante sua própria impotência e galopante desespero. Bland sentava-se sobre a espinha, pernas estendidas, as mãos sobre as pernas, sua bela face calmamente insofrível. “Que instrumento ele tocaria? Talvez uma pá encordoada com os bofes de um gato de viela? Talvez ele componha música do som das descargas das privadas de Manhattan para tocar para o seu pai depois da ceia?” Monaghan só fez olhar para Bland, com aquela expressão selvagem, enlevada. Bland voltou a face preguiçosa para o alemão.

“Olhe aqui,” disse o PM.

“Você tem uma esposa, herr tenente?” Disse Bland

O alemão ergueu os olhos. Relanceou-os de um rosto a outro. “Sim, obrigado,” disse. Ainda não havia tocado o copo cheio salvo para segurá-lo na mão. Mas não estava nem um pouco mais sóbrio do que antes, a bebida transformando-se na dor de cabeça, no pulso e na batida do álcool dentro dele. “Minha família serr da pequena nobreza da Prússia. Há quatro irmãos: o segundo para o exército, o terceiro que nada fez em Berlin, o pequeno um cadete dos dragões; Eu, o mais velho, na universidade. Lá eu aprendi. Havia um tempo então. Era como se nós, jovens da terra tranqüila, tivéssemos sido ajuntados, escolhidos e tornados dignos de testemunhar um momento único com um alto destino da terra e do homem²⁶. Ser como se o velho lixo, o velho resíduo dos erros humanos serr para serr varrido para uma nova raça que na heróica simplicidade dos velhos tempos andar na nova terra. Vocês conheceram esse tempo, não? Quando o olho brilhava, o sangue corria célere?” Ele olhou em torno para nossas faces. “Não? Bem na América talvez não. América serr nova; numa casa nova não serr tanto o lixo quanto ser nas velhas.” Ele olhou para o copo por um momento, a face tranqüila. “Eu voltar para casa; Eu dizer a meu pai, na universidade eu aprender que não serr bom; baron não serei. Ele não acredita. Ele falar de Alemanha, a terra pátria; eu dizer a ele, está lá; então. O senhor dizer terra pátria; eu terra irmã, eu digo, a palavra pai ser aquele barbarismo que será

primeiro varrido; serr o símbolo daquela hierarquia que manchou a historia do homem com a injustiça do arbitrário em vez da moral; força em vez do amor.

“De Berlim mandam buscar aquele²⁷; do exército aquele²⁸ vem. Ainda digo baron não serrei, porque não serr bom. Estamos na pequena sala onde os retratos dos meus ancestrais estar pendurados; estou de pé diante deles como em corte marcial; digo que Franz²⁹ deve ser baron, porque não serrei; meu pai diz você pode, você será; serr pela Alemanha. Então digo, Por Alemanha então minha esposa serra barronesa? E como numa corte marcial eu dizer a eles que casei com a filha de um músico que erra camponês.

“Então serr isso. Aquele de Berlim serr para serr baron. Ele e Franz serr gêmeos, mas Franz já serr capitão, e o mais humilde do exército pode comer carne com nosso kaiser³⁰; ele não precisar serr baron. Então estou em Beyreuth com minha esposa e minha música. Serr como se estivesse morto. Eu não receber carta até que para dizer meu pai serr morto e eu o matei, e aquele agora estar em casa de Berlim para serr baron. Mas ele não ficar em casa. Em 1912 ele estar no jornal de Berlim morto de um marido de uma senhora e então Franz serr baron finalmente.

“Então serr guerra. Mas eu estar em Beyreuth com minha esposa e minha música, porque achamos que não durará muito, uma vez que não durou muito antes.³¹ A terra pátria em seu orgulho necessitava de nós das escolas, mas quando precisava de nós não sabia. E quando soube que precisava de nós serr tarde demais e qualquer camponês difícil de morrer serviria.³² E então . . .”

“Por que você foi então?” disse Bland. “As mulheres obrigaram? Jogaram ovos em você, talvez?”

O alemão olhou para Bland. “Sou alemão; isso serr para além do eu, do eu sou. Não para baron e kaiser.” Então ele parou de olhar para Bland sem mover os olhos. “Havia uma Alemanha antes que havia barons,” disse. “E depois, haverá.”

“Mesmo depois disso?”

“Mais ainda. Antes serr o orgulho, uma palavra na boca. Agora serr uma - como se chama? . . .”



“Uma nação conquista seus estandartes,” disse o subadar. “Um homem conquista a si mesmo.”

“Ou uma mulher parteja um filho,” o alemão disse.

“Da lascívia, a parturição,” o subadar disse; da parturição a divindade; verdade.”

O P.M. estava enrolando outro cigarro. Olhava para o subadar, na sua face uma expressão selvagem, contida e fria. Lambeu o cigarro e olhou para mim.

“Quando eu vim para esse maldito país,” disse, “pensava que negros eram negros. Mas agora eu me dane se souber o que eles são. O que ele é? Um encantador de serpentes?”

“Sim,” eu disse. “Encantador de serpentes.”

“Então é melhor ele botar sua serpente para fora e bater nela. Tenho que me apresentar com esse prisioneiro. Olhe aqueles sapos³³ acolá.” Enquanto eu me virava e olhava, três franceses deixavam a sala, o insulto e o ultraje nos músculos de suas costas. O alemão estava falando de novo.

“Eu ouvir pelos jornais como Franz é coronel e então general, e como o cadete, que serr ainda o cão da espingarda³⁴ igual a quando o vi pela última vez, serr agora o herói com cruz de ferro entregue pelas mãos do próprio kaiser.³⁵ Então serr 1916³⁶. Eu verr pelo jornal como o cadete serr morto pelo seu Bishop³⁷ – ele inclinou-se levemente para Comyn – “aquele bom homem. Então agora eu mesmo serr cadete. Serr como se soubesse. Ser como se eu ver o que serr serr. Então eu transfere para ser aviador, e entretanto embora eu saber que Franz serr agora general de brigada e embora toda noite para mim mesmo eu diga, ‘você voltou novamente,’ eu saber que não serr bom.”

“Isso até o nosso kaiser fugir.³⁸ Então eu saber que Franz estar agora em Berlim; acredito que haver uma verdade, que não pagamos tudo em orgulho, porque sabemos que não vai demorar muito agora, e Franz em Berlim a salvo, a luta deixada para trás.”

“Então serr esta manhã³⁹. Então chega a carta das mãos da minha mãe que não vejo há sete anos⁴⁰, endereçada a mim como baron. Franz serr baleado em seu cavalo

por soldado alemão em rua de Berlim. Serr como se tudo tivesse sido esquecido, porque mulheres podem esquecer tudo num instante, uma vez que para elas nada serr real - verdade, justiça, tudo – nada que não possa ser segurado nas mãos ou que não possa morrer. Então eu queimo todos os meus documentos, o retrato da minha esposa e do meu filho que ainda não conheci, destruir meu cartão de identidade militar e remover todas as insígnias de minha túnica –“ fez um gesto em direção ao colarinho.

“Quer dizer,” Bland disse, “que você não tinha qualquer intenção de voltar? Por que não pegou uma pistola pra você e não economizou um avião para o seu governo?”

“Suicídio é somente para o corpo,” disse o alemão. “O corpo não resolve nada.” Serr de nenhuma importância. “Serr só para serr mantido limpo quando possível.”

“É só um quarto de hotel,” o subadar disse. “É só onde a gente se esconde por um breve momento.”

“O lavatório,” Bland disse; “o banheiro.”

O P.M. levantou-se. Bateu no ombro do alemão. Comyn encarava o alemão.

“Então você admite que foi vencido,” disse.

“Sim,” o alemão disse. “Serr nossa vez primeiro, porque somos os mais enfermos. Será a sua Inglaterra depois. Depois ela também ficará bem.”

“Não diga minha Inglaterra,” Comyn disse. “Sou da nação irlandesa.” Ele voltou-se para Monaghan. “Você falou, meu maldito rei. Não diga meu maldito rei. A Irlanda não tem um rei desde UrNeill⁴¹, Deus abençoe seu traseiro rubro.”

Rígido, controlado, o alemão fez um gesto vago.

“Você vê?” disse para o vazio.

“Os vencedores perdem aquilo que os vencidos ganham” o subadar disse.

“E o que você vai fazer agora?”, disse Bland.

O alemão não respondeu. Sentava-se ereto com sua face doente e sua imaculada bandagem.



“O que você vai fazer?” o subadar disse para Bland. “O que fará qualquer um de nós? Toda essa geração que lutou na guerra está morta esta noite. “Mas ainda não sabemos disso.”

Olhamos para o subadar: Comyn com seus olhos injetados de porco, Sartoris com suas narinas brancas, Bland escorregando na cadeira, indolente, insofrível, com seu ar de mulher mimada. De pé, acima do alemão estava o P.M.

“Parece preocupar-lhe um bocado,” Bland disse.

“Não acredita?” o subadar disse. “Espere. Você verá.”

“Esperar?” disse Bland. “Eu não creio que tenha feito nada nos últimos três anos para ter adquirido esse hábito. Nos últimos vinte e seis anos. Antes disso eu não lembro. Talvez tenha.”

“Então você verá mais cedo do que espera,” disse o subadar. “Você verá”. Olhou em torno de nós, gravemente sereno. “Aqueles que durante quatro anos vem apodrecendo lá –” ele balançou o braço curto e grosso – “não estão mais mortos que nós”.

De novo o P.M. tocou o ombro do alemão. “Diabos”, disse. “Vamos indo, companheiro.” Então virou a cabeça e erguemos o olhar para dois franceses, um oficial e um sargento, de pé atrás da mesa. Por um momento permanecemos assim. Era como se todos os pequeninos besouros tivessem de repente descoberto que suas órbitas se chocavam e eles nem mesmo teriam de não ter mais propósito nem manter-se em movimento. Sob o álcool eu podia sentir aquela bola dura e quente crescendo no meu estômago, como em combate, como quando você sabe que algo está para acontecer; aquele instante em que você pensa Agora. Agora posso largar tudo e apenas ser. Agora. Agora. É bastante agradável.

“Por que aquilo está aqui, monsieur?” o oficial disse.

Monaghan ergueu o olhar para ele, inclinado para trás e para o lado em sua cadeira, equilibrando-se nos músculos das coxas como se estes fossem seus pés, o braço pousado sobre a mesa. “Por que você torna isso tão desagradável para a França, Monsieur?” disse o oficial.

Alguém agarrou Monaghan enquanto ele se erguia; era o PM atrás dele, segurando-o semi erguido. “Pe-e-e-raí.” disse o PM. “Esperaí” - O cigarro balançava em seu lábio inferior enquanto falava, suas mãos nos ombros de Monaghan, a braçadeira levantando-se completamente solta. “Que é há com você, Sapo⁴²?” ele disse. Atrás do oficial e do sargento estavam os outros franceses, e a velha. Ela tentava penetrar no círculo. “Este é meu prisioneiro,” disse o PM. “Vou levá-lo para onde eu quiser e vou mantê-lo lá o tempo que eu quiser. Que é que você acha disso?”

“Com que autoridade, Monsieur?” o oficial disse. Ele era alto, com um rosto esquelético e trágico. Vi então que um de seus olhos era de vidro. Era imóvel, rígido, numa face que parecia ainda mais morta que o olho espúrio.

O PM olhou para a braçadeira, e depois olhou para o oficial de novo e tocou a pistola que oscilava agora perto do seu flanco. “Vou arrastá-lo por todo esse seu país de merda. Vou levá-lo até a sua porcaria de senado e chutar seu presidente da cadeira para dar lugar a ele e você pode esperar sentado que eu volte para limpar a sujeira dos seus pés novamente.”

“Ah”, disse o oficial, “um buldogue⁴³, compreendo.” Pronunciava “bul-dog” entre os dentes, sem mover a sua face morta, em si mesma um insulto. Atrás dele a taberneira começou a berrar em francês:

“Boche”! Boche! Quebrados! Quebrados! Todas as xícaras, todos os pires, copos e pratos - tudo, tudo! Vou lhes mostrar! Eu os guardei para esse dia. Oito meses desde o obus eu os guardei numa caixa para esse dia: pratos, xícaras, pires, copos, tudo o que tinha desde os trinta anos, tudo se foi, quebrado de uma só vez! “E custando-me 50 centavos o copo por aquilo de que me envergonho de fazer meus fregueses -”

Há um ponto insuportável, um clímax, no cansaço. Mesmo o álcool não consegue aproximar-se. Multidões são arrastadas por isso, por uma mera atenuação da mesmice se tornam incontrolláveis. Quando Monaghan ergueu-se, o PM empurrou-o para trás. Então foi como se todos nós arremessássemos tudo ao mar de uma só vez, encarando destemidos e insolentes o espectro que por quatro anos estivéramos adornando com belas palavras, saltando à frente com prontidão ordeira



e concertada cada vez que a bandeirola escorregava. Vi o PM saltar para o oficial, então Comyn erguer-se e peitá-lo. Vi o PM acertar Comyn três vezes num ponto da mandíbula com seus punhos antes de Comyn levantá-lo de corpo inteiro e atirá-lo por sobre a multidão, onde ele desapareceu como uma flecha no ar, segurando a pistola. Vi três *poilus*⁴⁴ nas costas de Monaghan e o oficial tentando acertá-lo com uma garrafa, e Sartoris saltando sobre o oficial por trás. Comyn se fora; pelo buraco que ele havia deixado a taberneira emergiu, guinchando. Dois homens apanharam-na e ela jogou-se à frente, cuspiendo e babando, o cabelo branco solto sobre o rosto; ela voltou-se e me cuspiu em cheio. “Vós, também!”- guinchou - “não foi a Inglaterra que foi devastada! Vós também viestes para recolher os ossos da França. Chacais! Abutres! Animais! Quebrado, quebrado! Tudo! tudo! Tudo!” E debaixo disso tudo, imóveis, inamovíveis, alertas, vigilantes e contidos, o alemão e o subadar sentavam-se, o alemão com sua face alta, doentia, o subadar tranqüilo como um ídolo atarracado, os dois homens de turbante como profetas do Velho Testamento.

Não demorou muito. Não houve tempo naquilo. Ou então, estávamos fora do tempo; dentro, não sobre, daquela superfície, daquela demarcação entre os velhos tempos quando sabíamos que não havíamos morrido e o novo onde o subadar dizia que estávamos mortos. Para além das garrafas erguidas, das mangas azuis e das mãos sinistras, das faces como máscaras retorcidas de cuja carantonha saíam gritos rígidos e surdos de assustar crianças, vi Comyn novamente. Ele veio sulcando como um navio carregado num mar revolto; sob o braço trazia o velho garçom, entre os dentes segurava o apito do PM. Então Sartoris atirou uma cadeira na única luz.

Estava frio na rua, um frio que penetrava a roupa, os poros distendidos pelo álcool, e murmurava ao próprio esqueleto. A praça estava vazia, as luzes raras e remotas. Tão calma estava que eu podia ouvir a água fraca escorrendo da fonte. De uma certa distância vinha um barulho, remoto também sob o céu baixo e espesso - gritos longínquos, num tom feminino e fino como todo grito, ou mesmo de uma multidão de homens, entrecortado de vez em quando pelo som de uma banda. Na sombra da parede Monaghan e Comyn mantinham de pé o alemão. Ele estava

inconsciente; todos eles invisíveis salvo pela vaga mancha da bandagem, inaudíveis salvo pelo praguejar insistente e monótono de Monaghan.

“Nunca deveria ter havido uma aliança entre franceses e ingleses,” disse o subadar. Ele falava sem esforço; invisível, sua voz passiva tinha uma qualidade de órgão, sem guardar qualquer proporção com o seu tamanho. “Nações distintas nunca deveriam unir forças para lutar pelo mesmo objeto. Deixem cada um lutar por alguma coisa diferente; objetivos que não entrem em conflito, cada um a seu modo.”

Sartoris passou por nós, retornando da fonte, carregando cuidadosamente seu gorro bojudo diante dele, fundos para cima. Podíamos ouvir a água gotejando do gorro entre seus passos. Ele transformou-se num dos borrões da sombra mais escura onde a bandagem brilhava e onde Monaghan praguejava insistente e calmamente. “E cada um com sua própria tradição,” o subadar disse. “Meus compatriotas. Os ingleses lhes deram rifles. Eles os olharam e vieram ter comigo: ‘Esta lança é muito curta e pesada demais: como pode um homem assassinar um inimigo veloz com uma lança desse tamanho e peso?’ Deram-lhes túnicas com botões para serem mantidos abotoados; Eu passei por uma trincheira inteira deles acorados, imóveis, cobertos até as orelhas com cobertores, palha, sacos de areia vazios, suas faces acinzentadas de frio; ergui os cobertores de torsos de pacientes vestidos apenas com uma camisa.

“Os oficiais ingleses lhes diziam, ‘Vão lá e façam assim; eles nem se mexiam. Então um dia em pleno meio-dia o batalhão inteiro, pondo-se em movimento para além de uma cratera, saltou da trincheira, arrastando a mim e ao oficial com ele. Nós carregamos a trincheira sem desferir um só tiro; o que sobrou de nós – o oficial, eu e outros dezessete – vivemos durante três dias num ângulo da linha de frente inimiga; foi preciso toda uma brigada para nos desvencilhar. ‘Por que vocês não atiraram?’ , disse o oficial. “Vocês se deixaram apanhar como faisões na caça.’ Eles não olharam para ele. Como crianças eles se postavam, murmurantes, alertas, sem humilhação. Eu disse para o encarregado, “os rifles estavam carregados, O Das?” Como crianças ficavam parados, hesitantes, sem acanhamento. ‘Ó filho de muitos reis, Das disse. ‘Falai a verdade do vosso conhecimento para o sahib,’ eu disse. ‘Elas não estavam carregadas, sahib,’ Das disse.



Veio de novo a banda, remota, surda no ar espesso. Eles faziam o alemão beber de uma garrafa. Monaghan disse: “Então. Sente-se melhor agora?”

“Serr minha cabeça,” o alemão disse. Falavam calmamente, como se estivessem discutindo ninharias.

Monaghan praguejou de novo. “Vou voltar. Por Deus, eu. . .”

“Não, não”, disse o alemão. “Não permitirei. Você já me obrigou . . .”

Permanecemos na sombra da parede e bebemos.

Restava-nos apenas uma garrafa. Comyn estilhaçou-a, vazia, contra a parede.

“E agora o que?” disse Bland.

“Mulheres,” Comyn disse. “Querem ver Comyn da nação irlandesa entre os cabelos amarelos delas como um cão no meio do trigo?”

Ficamos ali parados, ouvindo a banda distante, os gritos longínquos. “Tem certeza de que se sente bem?” Monaghan disse.

“Obrigado,” disse o alemão. “Sinto-me bem.”

“Vamos então,” Comyn disse.

“Vai levá-lo com você?” disse Bland.

“Sim”, disse Monaghan. “O que é que tem?”

“Por que não levá-lo para o A.P.M⁴⁵.? Ele está doente.”

“Você quer que eu amasse essa sua maldita cara?” disse Monaghan.

“Está bem”, disse Bland.

“Vamos lá”, Comyn disse. “Que louco preferiria lutar a foder? Todos os homens são irmãos, e todas as suas mulheres são irmãs. Então vamos em frente, ocês fuzileiros da meia-noite.”⁴⁶

“Olhe aqui,” disse Bland ao alemão, “você quer ir com eles?” Com suas cabeças enfaixadas, ele e o subadar somente eram visíveis, como dois homens feridos entre cinco espíritos.

“Segurem-no de pé um minuto,” Monaghan disse a Comyn. Monaghan aproximou-se de Bland. Ele amaldiçoou Bland. “Eu gosto de lutar,” disse, naquele mesmo tom monótono. “Eu até gosto de ser surrado.”

“Espere,” disse o alemão: “Mais uma vez eu não permitirei.” Monaghan estacou, ele e Bland a menos de um metro um do outro. “Eu terr esposa e filho em Beyreuth,” disse o alemão. Estava falando para mim. Deu-me o endereço, duas vezes, cuidadosamente.

“Escreverei a ela,” eu disse. “Que devo dizer-lhe?”

“Diga a ela que não serr nada. Você saberá.”

“Sim. Direi a ela que você está bem.”

“Diga a ela que esta vida não serr nada.”

Comyn e Monaghan tomaram-lhe os braços de novo, um de cada lado. Deram a volta e continuaram, quase carregando-o. Comyn olhou para trás uma vez. “A paz esteja convosco,” disse.

“E convosco a paz,” disse o subadar. Eles prosseguiram. Observamos os três tornarem-se silhuetas na boca de um beco onde a luz estava. Havia ali um arco e a luz fria e fraca e pálida no arco e nas paredes tal que era como um portão e eles entrando no portão, segurando o alemão entre eles.

“O que farão com ele?”, Bland disse. “Encostá-lo num canto e desligar a luz? Ou os bordéis franceses têm camas para homens⁴⁷ também?”

“Quem diabos têm a ver com isso?” eu disse.

O som da banda aproximou-se, com seu baque surdo; estava frio. A cada vez que a minha carne tremia com o álcool e o frio eu acreditava que podia ouvi-la raspar nos ossos.

“Há sete anos agora vivo neste clima,” o subadar disse. “Mas ainda não gosto do frio.” Sua voz era profunda, calma, como se ele tivesse seis pés de altura. É como se quando eles o criaram tivessem dito entre eles, “Vamos dar-lhe algo com que possa transmitir sua mensagem.” “Por que? Quem vai ouvir sua mensagem?” “Ele ouvirá. Então vamos dar-lhe algo com que possa ouvir.”

“Por que não volta para a Índia, então?” Bland disse.

“Ah”, disse o subadar. “Eu sou como ele; eu também não serei barão.”

“Então você some e deixa os estrangeiros que vão tratar o povo como gado ou como coelhos entrarem e tomarem posse.”



“Ao retirar-me eu desfiz em um dia o que levou dois mil anos para construir. Isso não é alguma coisa?”

Tremíamos com o frio. Agora o frio era a banda, os gritos, murmurando com mãos frias para o esqueleto, não para os ouvidos.

“Bem,” Bland disse, “Suponho que o governo inglês esteja fazendo mais para libertar o seu povo do que você poderia.”

O subadar tocou Bland no peito, de leve. “Você é sábio, meu amigo. Que a Inglaterra fique satisfeita por todos os ingleses não serem tão sábios.⁴⁸”

“Então você será um exilado pelo resto de seus dias, hem?”

O subadar moveu o braço curto, grosso em direção ao arco vazio onde Comyn e o alemão e Monaghan tinham desaparecido. “Não ouviu o que ele disse? Essa vida não é nada.”

“Você pode achar isso,” Bland disse. “Mas por Deus, eu odiaria pensar que o que preservei dos últimos três anos não é nada.”

“Você salvou um homem morto,” o subadar disse, serenamente. “Você verá”.

“Salvei o meu destino,” Bland disse. “Nem você nem ninguém sabem o que será.”

“Qual o seu destino senão estar morto?” É pena que a sua geração tenha sido a escolhida. Pena que o restante dos seus dias você caminhará sobre a terra como um fantasma. “Mas era esse o seu destino.” De longe vinham os gritos, naquela nota sustentada, feminina e infantil a um só tempo, e depois a banda novamente, metálica, surda, como as vozes, desoladamente jubilosa, histérica, mas acima de tudo desolada. O arco no brilho frio da luz escancarava-se vazio, profundo, silencioso, como o portão de uma outra cidade, um outro mundo. De repente Sartoris nos deixou. Caminhou firme em direção à parede e inclinou-se frente a ela sobre os braços curvados, vomitando.

“Diabos,” Bland disse. “Quero um drinque.” Ele voltou-se para mim. “Onde está sua garrafa?”

“Foi-se”.

“Foi-se pra onde? Você tinha duas”

“Eu não tenho uma agora, porém. Beba água.”

“Água?” ele disse. “Quem nesta droga de mundo bebe água?”

Então a bola dura e quente entrou no meu estômago de novo, agradável, insuportável, real; de novo aquele instante em que se diz Agora. Agora posso largar tudo. “Você largará, seu filho de uma mãe,” eu disse.

Bland não estava olhando para mim. “Duas vezes”, ele disse num tom calmo, indiferente. “Duas vezes em uma hora. Não acha que é muito?” Ele deu as costas e foi em direção à fonte. Sartoris voltou, caminhando ereto. A banda fundiu-se com o frio ao longo dos ossos.

“Que horas são?” eu disse.

Sartoris olhou para o pulso. “Doze.”

“É mais que meia-noite,” eu disse. “Tem que ser”

“Eu disse que eram doze,” disse Sartoris.

Bland se curvava diante da fonte. Havia um pouco de luz lá. Quando o alcançamos ele levantou-se, limpando a face. A luz caía-lhe sobre a face e eu pensei por algum tempo que ele devia ter estado com a cabeça inteira sob a água para estar limpando a face àquela altura antes de eu ver que ele estava chorando. Ele ficou lá, limpando a face, chorando muito, mas calmo.

“Minha pobre mulherzinha,” disse. “Minha pobre mulherzinha.”

Todas as notas utilizadas na tradução deste conto foram extraídas do livro “Reading Faulkner: Collected Stories”, de Theresa M. Towner and James B. Carothers, ainda no prelo. A utilização das notas diretamente do manuscrito me foi autorizada por Theresa M. Towner, a quem sou muito grata.



Notas:

- 1 11 de novembro de 1918, dia do Armistício.
- 2 No serviço britânico na Índia, o principal oficial nativo no comando de uma tropa nativa..
- 3 Insígnia indicando sua patente no exército colonial indiano. Aos oficiais nativos não era permitida uma patente comum do exército britânico.
- 4 1930, o momento em que tem lugar as reflexões do narrador.
- 5 A experiência da Guerra.
- 6 A guerra
- 7 A costa da França; uma alusão talvez a “My Native Land”, de Sir Walter Scott

- 8 No original “Union”, o centro estudantil de Oxford, fundado em 1823; sociedade de debates de alto prestígio..

- 9 “Tanto pode ser a marca de um grande piloto quanto a de um piloto excessivamente cuidadoso.
- 10 Composto por alunos de Oxford ou de soldados vindos de Oxfordshire
- 11 Bolsas de estudo concedidas anualmente, desde 1902, a estudantes dos Estados Unidos, Inglaterra, África do Sul e Alemanha. Nomeada em homenagem ao magnata inglês Cecil Rhodes(1853-1902).
- 12 Embora seja atribuída ao presidente Woodrow Wilson, a frase “a guerra que porá fim a todas as guerras” se origina no livro de H. G. Wells, publicado em 1914, *The War That Will End War*.
- 13 Lutar na guerra
- 14 A visão
- 15 Um cão de caça esgueirando-se por um campo de trigo, cortando-o primeiro em uma direção e em seguida duplicando o movimento em retorno, para seccioná-lo nos ângulos direitos.
- 16 **Not hunting bitches** - frase que pode ser lida de duas formas: com a ênfase em *hunting*, a palavra se torna um adjetivo (não cadelas de caça). Com a ênfase em *bitches* (cadelas), o termo se torna pejorativo e *hunting* se torna verbo (não caçando cadelas) Bland parece dizer que a descrição de Comyn não se aplica quando se caça uma fêmea.
- 17 Royal Flying Corps: braço armado da força aérea inglesa durante a Primeira Guerra Mundial.
- 18 Primeiro monge cristão.
- 19 Cidade da Bavária famosa por ter sido a terra natal do compositor alemão Richard Wagner.
- 20 As famosas operas de Wagner. No primeiro festival de Bayreuth em 1876, Wagner já era reconhecido como o mais famoso compositor de óperas do mundo.
- 21 Um *Armstrong Whitworth F.K.8*, usado para bombardeios leves e vôos de reconhecimento”
- 22 No original *Huns*, gíria norte-americana para alemães
- 23 Rei George V da Inglaterra.
- 24 O personagem é um imigrante irlandês na América.
- 25 A Universidade de Yale
- 26 No princípio de um grande momento histórico.
- 27 O terceiro irmão
- 28 O segundo irmão
- 29 O segundo irmão
- 30 O exército alemão se equiparava socialmente à realeza. O Kaiser Wilhelm II (1859-1941) contribuiu para estabelecer as condições para a Guerra Mundial, principalmente criando o militarismo alemão sem exercer controle suficiente sobre o império auto-húngaro.
- 31 Antes da Primeira Guerra Mundial, a Prússia lutou na Guerra Franco-Prussiana, que durou apenas seis meses (julho de 1870 a Janeiro de 1871) e terminou com a vitória alemã.

32 A Alemanha precisava da inteligência de seus 'scholars' para evitar o advento da Grande Guerra. Ao invest disso, como Richard Holmes argumenta, aumentou o seu contingente de infantaria, uma ação que teria começado em anos anteriores.

33 Frogs, como os americanos chamavam os franceses

34 A trava que posiciona o cartucho num rifle. Ou seja, era ainda uma peça numa engrenagem.

35 Condecoração prussiana instituída em 1813, entregue pelo próprio Kaiser Wilhelm.

36 O ano das batalhas de Verdun, uma ofensiva germânica, e de Somme, um ataque aliado, ambos causando pesadas perdas nos dois lados.

37 William William Avery Bishop (1894-1956) aviador e herói de guerra canadense.

38 A abdicação forçada do Kaiser Wilhelm ocorreu em 9 de novembro de 1918, quando ele fugiu para a Holanda, onde morreu em 1941..

39 A manhã do Armistício, em 11 de Novembro de 1918.

40 Desde 1911, quando ele renunciou ao título de barão.

41 Em 1002 o reinado dos UrNeill chegou ao fim na Irlanda. Os UrNeill foram soberanos por mais de 600 anos.

42 Gíria derogatória para os franceses.

43 No original "devil-dog", supostamente, apelido dado pelos alemães aos fuzileiros navais americanos na Segunda Guerra Mundial. O fato nunca foi comprovado, mas foi largamente utilizado pelo governo americano para incentivar o recrutamento. Dito entre os dentes, assim, é um duplo insulto.

44 No original "poilus", "cabeludos", gíria para soldados da infantaria francesa, assim chamados por sua aparência descuidada.

45 A.P.M. Assistente do Chefe da Polícia Militar.

46. É possível que Faulkner tivesse conhecimento de uma canção popular nas tropas britânicas, uma vez que aparece no primeira edição de um livro sobre canções vulgares - *Immortalia* - publicado em 1927. Também conhecida como "Os fuzileiros da meia-noite, a canção se chama "O hino de batalha do 58º" Eis alguns dos versos:

Olhar atento, bundas apertadas!
Queixos para a frente!
Somos os rapazes que fazem algazarra
Heróis da noite
E preferimos foder a lutar. . .

47 No original "he-beds", camas nos bordéis franceses para uso dos homossexuais.

48 A fala do subadar é irônica, implicando que considera Bland na verdade um "wise guy", sabichão.

